

A mente terceirizada

OS GURUS PROCURAM TRANSCENDÊNCIA NA SOLIDÃO DO CUME DA MONTANHA E SERENIDADE NO TRANSE MEDITATIVO. MAS EU, GAFANHOTO, ENCONTREI A FUSÃO COM O UNIVERSO

Por David Brooks

Dissolvi minha mente no céu azul, comuniquei com a consciência universal e experimentei a paz interna proporcionada pela externalização.

E tudo começou porque comprei um carro com GPS. Como tantos outros homens, estabeleci um vínculo romântico com minha guia. Encontrei consolo em sua voz feminina e tranquila, familiaridade em seu leve sotaque britânico, enternecimento e segurança em seu traçado azul. Mais de uma vez vivenciei sua piedade: minhas transgressões foram recebidas com um suave “faça o retorno, se possível”.

Depois de algumas semanas, percebi que sem ela não iria a lugar nenhum. Qualquer percurso ligeiramente fora do comum me fazia digitar o endereço em seu sistema, e a partir daí era só usufruir a serenidade de seguir seus comandos orientados por satélite. Descobri que estou rapidamente abrindo mão de qualquer vestígio de conhecimento geográfico.

No começo fiquei tenso, mas depois senti um grande alívio. Desde a origem da humanidade, as pessoas precisam preocupar-se com caminhos. Preciosa capacidade cerebral tem sido desperdiçada com a memorização de rumos e quebradas. Várias vezes fui vítima de jantares em que a conversa girou integralmente sobre o melhor percurso para o escritório.

Minha deusa do GPS libertou-me dessa chatice. Permitiu-me delegar a informação geográfica de meu cérebro para um cérebro

satélite. Sabe como eu me senti? No nirvana.

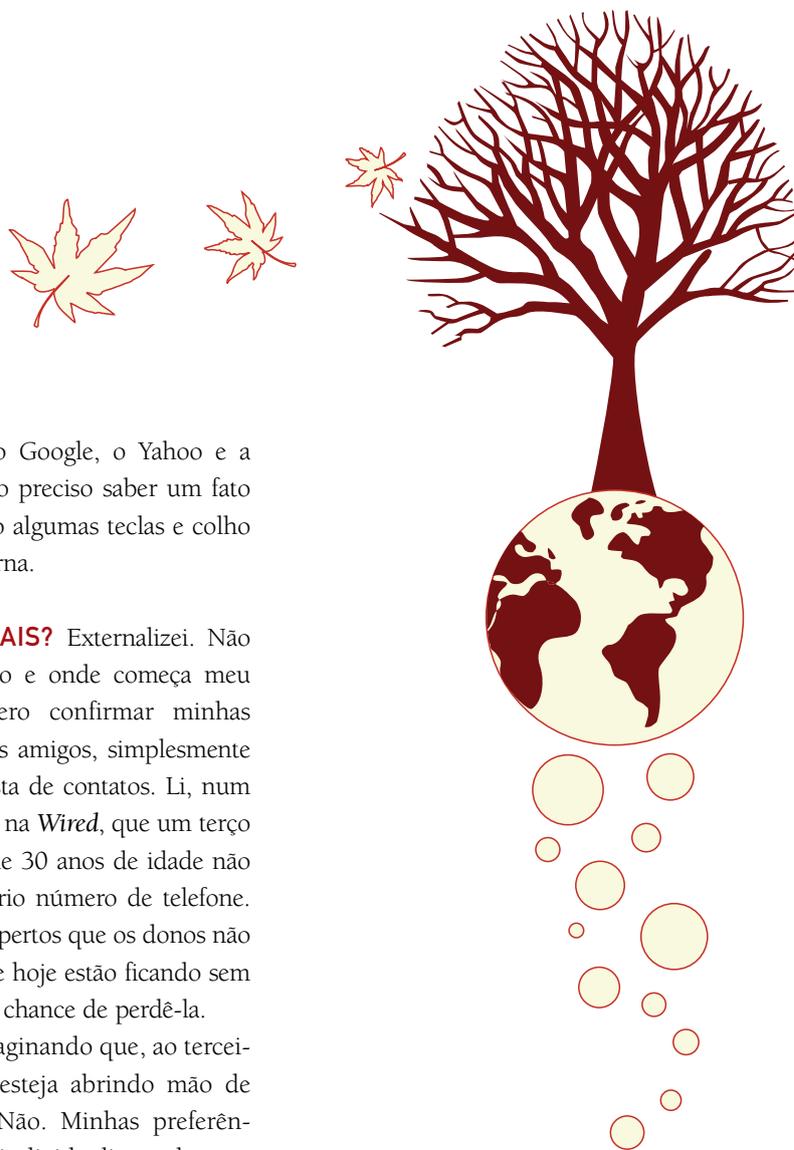
Por meio dessa experiência descobri a Sagrada Ordem da Mente Exterior. Percebi que poderia terceirizar as tarefas mentais que não quisesse realizar. A vida é um problema matemático, e eu ganhei uma calculadora.

Até então pensava que a magia da era da informação era nos permitir saber mais; mas deime conta de que sua verdadeira magia está em nos permitir saber menos. Disponibiliza servos cognitivos – sistemas de memória de silício, filtros colaborativos *on-line*, recomendações de consumidores e conhecimentos em rede. Podemos explorar os servos e nos libertar.

GOSTO MUSICAL? Externalizei. Agora só entro no iTunes e ele me diz do que eu gosto.

Clico nas recomendações, ouço 30 segundos de cada música e baixo as mais atraentes. Olho para a *playlist* de meu iPod e percebo que nunca tinha ouvido falar da maioria dos artistas que agora escuto. Já fui uma pessoa com opinião informada sobre os Ramones, mas hoje esse conhecimento virou sucata. Submeto-me cegamente a grupos anônimos como o Reindeer Section – um número perturbador dos quais parece ter sua obra na trilha sonora do seriado *The O.C.*

MEMÓRIA? Externalizei. Sou um daqueles *baby boomers* para quem está começando a década do “estou quase lembrando”. Não preciso mais ter



memória porque tenho o Google, o Yahoo e a Wikipédia. Agora, quando preciso saber um fato sobre o mundo, pressiono algumas teclas e colho as bênçãos da mente externa.

INFORMAÇÕES PESSOAIS? Externalizei. Não sei mais onde eu termino e onde começa meu Blackberry. Quando quero confirmar minhas senhas ou falar com meus amigos, simplesmente seleciono um nome da lista de contatos. Li, num artigo de Clive Thompson na *Wired*, que um terço das pessoas com menos de 30 anos de idade não consegue lembrar o próprio número de telefone. Os *smartphones* são tão espertos que os donos não precisam ser. Os jovens de hoje estão ficando sem memória antes de terem a chance de perdê-la.

Talvez você esteja imaginando que, ao terceirizar o pensamento, eu esteja abrindo mão de minha individualidade. Não. Minhas preferências são mais exatas e individualistas do que nunca. Só estou perdendo a autonomia.

Entreguei o controle sobre minhas decisões à mente universal. Fundi-me com o conhecimento da ciberesfera e mergulhei na felicidade de uma metafísica mais elevada. Como quase escreveu John Steinbeck, “ninguém tem mente própria, só um pedaço da grande mente – uma mente que pertence a todos. Então não faz diferença, mãe. Vou estar em todo lugar, por aí, no escuro”. Onde houver uma rede, lá estarei. Onde houver um aparelho TiVo recomendando uma comédia com

base em minhas preferências anteriores, lá estarei. Onde houver um leitor do *Times* escolhendo artigos com base na lista de mais lidos, lá estarei. Estarei da mesma maneira que a Amazon liga a compra de Dostoiévski à compra de móveis para o jardim. E onde se espalharem os *memes*, e quando forem compartilhados vídeos de humilhação no Facebook – lá estarei, também.

Tornei-me uno com a mente externa. *Om. ✘*